

O OESTE E SEUS MISTÉRIOS NA OBRA DE JAMES JOYCE

THE WEST AND ITS MYSTERIES AT JAMES JOYCE'S WORK

Pryscilla Gomes Matias

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: O presente trabalho tem por escopo analisar as menções presentes na obra de James Joyce a respeito do “oeste”, não tomado somente como um elemento geográfico, mas principalmente como elemento místico e velado, sempre referente a questões passadas (más lembranças), incompreendidas, mortificadoras, e angustiantes às personagens, ao mesmo tempo em que representa também primitivismos e questões de tradição e de identidade irlandesas. Procura-se compreender a importância de tal elemento na vida do autor, mormente sua opção pelo exílio e sua relação mal resolvida com a tradição irlandesa diante do conflito leste-oeste, que se fizeram refletir em sua obra. Também busca-se entender o significado do oeste na cultura irlandesa em geral, que alude até mesmo às antigas lendas que retratam constantes fugas e exílios do seu povo e de seus deuses no oeste, passando por outros momentos da história em que as sucessivas invasões ensejavam um refúgio cada vez maior do primitivismo para o ocidente. Procura-se refletir melhor como tais elementos de certa forma sempre estiveram presentes no imaginário irlandês e, a partir disso, encontrar possíveis conexões com o que é retratado na obra joyciana.

PALAVRAS-CHAVE: James Joyce; oeste; Irlanda; morte; passado; mistério

ABSTRACT: The present paper has the objective to analyze the references present in James Joyce's work about the “west”, not taken only as a geographical element, but mainly as a mystical and veiled element, always related to past things (bad memories), misunderstood, mortifying and distressing things to the characters, at the same time that represents primitiveness and matters about Irish tradition and identity. Seeks to understand the importance of such element at the author's life, specially his option for the exile and his unresolved relation with Irish tradition before the conflict east-west, which reflected in his work. We also try to understand the meaning of the west at the Irish culture in general, that alludes even to the ancient legends that portray constant escapes and exiles of their people and their gods to the west, passing through other moments in history when the successive invasions gave chance to an increasing refuge of the primitiveness to the occident. Seeks to reflect better how these elements in a certain way have always been at the Irish imaginary and, from this, finding possible connections with what is pictured on the Joycian work.

KEYWORDS: James Joyce; west; Ireland; death; past; mystery

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende explorar o vínculo entre o oeste (e suas possíveis significações), a cultura irlandesa, a relação conturbada de James Joyce com suas origens e a maneira como tudo isto influenciou sua produção literária.

É notória a inspiração do autor em vários fatos de sua própria vida para a escrita de suas obras. Isso é visível também em suas epifanias, que comporiam suas obras como

um tecido, e nas quais, segundo alguns autores, Joyce trataria de suas experiências de vida e de sua relação consigo mesmo (CHAYES, 1993). James Joyce, em suas obras, migra entre a narração em primeira e terceira pessoa, por vezes muda a personagem-narradora (o que permite ver as diferentes perspectivas de cada uma delas), mas não chega a confundir-se na figura de autor e narrador, tampouco como narrador intruso. Suas referências a vivências pessoais nas ficções criadas são mais sutis e discretas e, todavia, não se deixam imperceptíveis ao leitor atento.

Aqui, porém, trataremos daquelas em que há uma referência local que atrele o oeste sempre a questões mortificadoras, misteriosas, angustiantes, passadas ou relacionadas a elementos da tradição irlandesa, aspectos presentes também na vida do autor. Uma breve passagem sobre o histórico e a cultura irlandeses, inclusive, ajuda-nos a compreender melhor o misticismo envolvendo certos lugares citados em suas obras e a significação de viagens e deslocamentos ocidentais feitos por algumas personagens. É interessante notar a influência do imaginário irlandês sempre presente em seus escritos.

Realizamos, portanto, a análise específica de algumas passagens de seus contos e livros que tratam sobre esse elemento ocidental, a fim de discutir a simbologia imbricada em cada uma delas, quais sejam, os contos “Os Mortos” e “Eveline” de *Dublinenses*, e o romance *Ulysses*, além de fazermos pequenas menções a outras obras que ajudam a compor a compreensão dos pontos aqui expostos.

2 A QUESTÃO DO OESTE NA CULTURA E NA HISTÓRIA IRLANDESA

A história da Irlanda, que remete a antigas lendas e com elas se confunde, por questões geográficas sempre foi palco de sucessivas invasões que dominavam a ilha continuamente a partir do leste, obrigando seus então ocupantes, que passam a ser automaticamente um povo mais primitivo, a se refugiarem a oeste, ocultando consigo suas antigas tradições e costumes.

Pouco se sabe sobre os primeiros habitantes da Irlanda¹, mas há indícios de que seriam provenientes da Grécia ou da “Hispania”. Conta-se que os ibéricos teriam avistado a ilha a oeste através de suas terras mais altas, e para lá decidiram se dirigir.

Já nas lendas celtas diz-se que habitava na Irlanda uma raça pré-ariana que

¹ James Joyce afirma, em conferência na Università Popolare de Trieste, que teriam sido os fenícios os primeiros, que por sua vez já estariam perecendo quando os gregos começaram a relatar a respeito da ilha. A religião irlandesa (druida) e sua civilização teriam sofrido influências egípcias. (JOYCE, 2012a, p. 168)

denominaram como ibéricos, ou Fir Bolgs, a quem os gaélicos encontraram ao desembarcar na ilha. Os gaélicos (ou celtas) os temiam pelos antigos ritos de magia que praticavam em seus fortes inacessíveis entre as colinas (a oeste). Tal temor também contribuía para que os gaélicos os tivessem como “maiores do que os humanos”, e por isso foram muitas vezes associados aos Fomorianos (povo de gigantes). Os celtas se denominavam filhos da luz, enquanto consideraram esses “ibéricos morenos” como filhos da treva (SQUIRE, 2003, p. 67):

Seus nomes tribais parecem ter sido, em vários exemplos, baseados nesta ideia. Havia os *Coraca-Oidce* (“Povo da Escuridão”) e os *Corca-Duibhne* (“Povo da Noite”). O território da tribo ocidental dos *Hi Dorchaide* (“Filhos do Escuro”) era chamado “País da Noite”. Os celtas, que achavam que seus próprios deuses os haviam precedido na Irlanda, não acreditavam que tampouco os Tuatha Dé Danann² poderiam ter tomado a terra desses ibéricos de aptidões mágicas sem travar batalha. (SQUIRE, 2003, p. 67)

Diz-se que os Tuatha Dé Danann, chegando na ilha, marcharam para o oeste para encontrar os exércitos ibéricos. Quando os Fir Bolgs estavam prestes a perder, já reduzidos a trezentos homens, os Tuathá Dé Danann lhes ofereceram a quinta parte da Irlanda, tendo eles podido escolher qualquer província. Elegeram, então, Connaught³, um território a oeste, para se refugiarem. O local, a partir de então, seria seu lar especial e onde, até a metade do século XVII, ainda se encontravam homens cuja ancestralidade remontava aos campeões de batalha dos Fir Bolgs. Esse povo apareceu nas crônicas antigas, medievais e quase modernas como a velha raça da terra (SQUIRE, 2003, pp. 70-71).

Uma outra versão mitológica narra a guerra dos Tuatha Dé Danann contra os gigantes e esses, derrotados, teriam retornado para o mar.

As narrativas lendárias contam que, em seguida, foi a vez de os gaélicos ocuparem a Irlanda, e os mortais acabaram vencendo os Tuatha Dé Danann. Os deuses, desalojados, reuniram um conselho para decidirem sobre seus novos lares. Uma parte deles teria optado por deixar a Irlanda e “buscar refúgio num paraíso além-mar, situado em alguma desconhecida e, exceto para mortais privilegiados, impenetrável ilha do oeste” (SQUIRE, 2003, p.113): a lendária ilha-vale de Avilion. Era descrita como uma terra de prazer perpétuo e festejos, também chamada de “Planície da Felicidade” (*Mag Mell*),

² Povo da Deusa Dana. Era a forma como chamavam esse panteão gaélico, que tinha a Deusa Dana como principal referência, uma espécie de titã. Seria o povo divino a quem os gaélicos teriam sucedido no território irlandês. Curiosamente, “Dana” era o mesmo nome da revista para a qual Joyce tentou escrever um pequeno ensaio autobiográfico denominado *Retrato do Artista*, em 1904, e foi rejeitado (AUBERT, 1993, p.30). O trabalho possivelmente precedeu *Um retrato do artista quando jovem*.

³ A mesma região bucólica e conservadora da cultura ancestral para a qual Gabriel, após as provocações da patriota Srta. Ivors, cogita finalmente viajar no final de “Os Mortos”.

“Terra da Juventude” (*Tir-nan-ôg*) e “Ilha de Breasal” (*Hy-Breasail*). Tais descrições, por sua vez, não por acaso estão em perfeita consonância com o “Outro Mundo” celta, ao qual associavam características muito mais vivazes que outras mitologias⁴ (SQUIRE, 2003, pp. 112-113).

Hy-Breasail foi considerada repetidamente em mapas antigos como uma realidade; alguns pioneiros nos mares ibéricos achavam que a haviam descoberto, e chamaram a terra que encontraram de “Brazil”; e ainda é dito, pelos amantes do velho saber, que um apreciador paciente, após longo tempo olhando para o oeste das praias mais ocidentais da Irlanda e da Escócia, pode às vezes ter sorte o bastante para captar um vislumbre contra o crepúsculo de suas “ilhas de verão do Éden assentadas em esferas púrpuras do mar”. (SQUIRE, 2003, p. 113)

Já no século VIII, foi a vez de os escandinavos (tribos de dinamarqueses e noruegueses) invadirem a Irlanda. Séculos mais tarde, após serem derrotados, os escandinavos não deixaram o país, mas pouco a pouco foram se assimilando à população.

No século XII a Inglaterra teria, finalmente, invadido a ilha, por medo de aumento do poderio normando que a dominava. Com isto, teria se iniciado o período em que, segundo Joyce, a Irlanda teria deixado de ser uma potência intelectual (JOYCE, 2012a, pp. 172-173). Tal comentário se deve também ao fato de que haveria, ainda, uma proximidade muito maior entre a cultura celta original e a escandinava do que em relação à cultura inglesa.

Joyce, apesar de sua situação mal resolvida em relação à sua nacionalidade, parece se posicionar sem dúvidas quanto aos males causados pela dominação inglesa. Afirma que a Inglaterra lhes havia infligido diversos delitos, instigando lutas internas, mantendo o país dividido, reduzindo o poder dos líderes nativos, dando grandes porções de terras a seus próprios soldados, perseguindo a Igreja Católica Romana rebelde e apoiando-a somente quando ela tornou-se objeto de subjugação (JOYCE, 2012a, p. 178).

Nessas idas e vindas de brigas políticas e culturais, Joyce amargamente põe na boca de Stephen Dedalus (*O retrato do artista quando jovem*) que “Quando a alma de um homem nasce neste país redes lhe são lançadas para impedi-la de voar” (JOYCE, 1992, p. 204). Com isso, justifica de certa forma os desejos de exílio (como forma de distanciamento, mas inevitavelmente de busca e aproximação da cultura irlandesa) e os descontentamentos acerca da situação da Irlanda.

Entretanto, depois de certo tempo vivendo na Itália, o autor já parece ter mudado

⁴ Era também chamada de “Terra dos Vivos” e “morada original dos homens”.

um pouco sua visão, deixando claro que, em verdade, nunca deixara a Irlanda (ELLMANN, 1993, p.70), e demonstrando a força de sua cultura, que sempre tenta reagir de alguma forma, conforme expôs em conferência realizada em Trieste, em 1907 (JOYCE, 2012a).

Na ocasião, ele ressalta a característica de haver muitos traços irlandeses percebidos em altares abandonados, em tradições e lendas. Fala sobre a reação irlandesa à ocupação inglesa, seguida de um momento em que uma nova cultura celta surgiria, em que antigos inimigos se uniam contra aqueles que vieram do outro lado do mar (JOYCE, 2012a, pp. 172-173). Quanto a tal movimento, demonstra certa esperança e otimismo: “(...) embora a atual raça irlandesa seja obtusa e inferior, vale a pena considerar o fato de que é a única, de toda a família céltica, que não vendeu seu patrimônio hereditário por um prato de lentilhas” (JOYCE, 2012a, pp. 177-178). Ainda, sobre a autoafirmação dos irlandeses:

Parecerá inusitado que uma ilha tão distante do centro da cultura quanto a Irlanda sobressaísse como uma escola de apóstolos, mas uma observação até mesmo superficial nos mostrará que a insistência da nação irlandesa em desenvolver a sua própria cultura por seus próprios meios não é tanto a pretensão de uma jovem nação que quer ocupar um bom papel no concerto europeu quanto a pretensão de uma nação muito antiga que quer renovar, sob novas formas, as glórias de uma civilização desaparecida. (JOYCE, 2012a, p. 169)

Após séculos de evasão e difusão de irlandeses eruditos pelo mundo, Joyce se pergunta, por fim, se mais uma vez a cultura gaélica se exilará novamente no oculto oeste ou se finalmente se afirmará diante do mundo:

Estará a mentalidade celta (...) destinada a enriquecer a consciência da civilização com novas descobertas e novas antecipações do futuro? Ou o mundo céltico (as cinco nações célticas), repellido pelas nações mais fortes para o extremo limite do continente, para as mais afastadas das ilhas da Europa, deverá finalmente ser lançado no oceano, depois de séculos de luta? (JOYCE, 2012a, p. 184)

Assim, mergulhados nesse panorama da cultura celta irlandesa e na visão de Joyce a seu respeito, passamos à análise das obras em que o oeste se faz presente de forma relevante e definitiva.

3 “OS MORTOS”

A primeira grande referência que trabalharemos na obra de Joyce está no conto mais importante de *Dublinenses* (JOYCE, 1993), livro que tem o objetivo principal de

retratar vários aspectos da cultura irlandesa. A história remete a um incidente real na vida de Joyce e sua esposa, em Galway (pequena cidade do condado homônimo, na parte ocidental da ilha), onde um jovem chamado Bodkin teria cortejado Nora Barnacle, mas, ao contrair tuberculose, teve de ficar confinado no leito (ELLMANN, 1989)⁵.

A canção “The lass of Aughrim”, presente na história, possui papel fundamental, uma vez que ressuscita as lembranças de Gretta (inspirada em Nora), ligando-a sutilmente ao oeste e ao ocorrido com Michael Furey (inspirado em Bodkin). Aughrim era uma pequena aldeia a oeste, perto de Galway (ELLMANN, 1989, p. 313).

A angústia vivida por Gabriel relacionada com aspectos ocidentais se manifesta de três formas. A primeira delas seria sua inquietação em relação à sua esposa (que veio do oeste) ligada ao aspecto campesino⁶ e rústico de sua origem, que ele fazia questão de suprimir:

(...) apesar da atitude casamenteira em relação a Gretta, ele tem um pouco de vergonha de ela ter vindo do oeste da Irlanda. Não pode suportar pensar no comentário de sua falecida mãe, de que Gretta era “de uma beleza campesina”, e quando a srta. Ivors diz a respeito de Gretta: “Ela é de Connacht, não é?”, Gabriel responde lacônico: “A família é”. Ele a salvou desse atoleiro. A sugestão da srta. Ivors, de uma verdadeira participante da Liga Gaélica⁷, de que ele passou suas férias nas ilhas Aran, onde se fala irlandês (no oeste), o irrita; é o elemento do passado de sua esposa que gostaria de esquecer. Durante a maior parte da história, o oeste da Irlanda se liga na mente de Gabriel com um primitivismo obscuro e bastante doloroso, aspecto de seu país que ele abjurou partindo para o continente. O oeste é barbárie, no leste e sul ficam pessoas que bebem vinho e usam galochas. (ELLMANN, 1989, p.313)

A segunda angústia, também diretamente relacionada a sua esposa, seria vivida diante do oculto quanto aos sentimentos advindos de uma paixão vivida por ela naquele local distante no tempo (passado) e no espaço (a oeste). Seu sentimento de complacência misturada a um ciúme e desconfiança não encontra lugar até mesmo em um não-lugar, levando-o a um pensamento de quase impotência diante de um sentimento ainda vivo e presente dedicado a um falecido que ela conhecera no passado. Ele cede à invasão de emoções e muda seu comportamento em função disso, conservando a relação

⁵ Ellmann, no texto “Os fundamentos de ‘Os Mortos’”, trata mais minuciosamente de diversas outras semelhanças entre as vivências pessoais de James Joyce e o que ele transcreveu para o conto.

⁶ Sobre o primitivismo camponês, é interessante ressaltar também o aspecto da manutenção da língua gaélica, que ao final do século XIX (antes da revitalização feita pela Liga Gaélica – vide nota 7), “era falada apenas por camponeses das províncias ocidentais da costa atlântica e por alguns no sul, assim como nas pequenas ilhas que se colocam como piquetes da vanguarda europeia à frente do hemisfério ocidental” (JOYCE, 2012a, p. 167). Era considerada uma língua “áspera e gutural”, ou seja, outra forma de se chamar primitiva e rústica.

⁷ A Liga Gaélica foi um movimento patriótico de restauração da cultura irlandesa original (celta), mormente através do retorno ao uso da língua gaélica. Faz parte de toda a movimentação de retorno às origens da Irlanda, conforme o comentário do próprio Joyce que trouxemos anteriormente.

entre vivos e mortos. Gabriel reconhece no oeste da Irlanda e em Michael Furey uma paixão que faltou a ele próprio (ELLMANN, 1989), que ele talvez nunca tivera inteiramente. Segundo Ellmann:

'The Dead' representa, em Gretta, uma mulher com uma compreensão maternal genuína, que ela estende tanto ao rapaz morto, que a amou, quanto ao marido inadequado. Ela desarma a paixão sexual de Gabriel ao deixar seu pensamento demorar-se sobre o rapaz, ao qual Gabriel finalmente se associa. (ELLMANN, 1993, p.73)

A terceira angústia de Gabriel está diante da possibilidade de uma viagem ao oeste como espécie de aproximação com as tradições irlandesas - com as quais, assim como Joyce, não se relacionava bem – ou como uma jornada de passagem, de aproximação com a morte (ou com a vida, enquanto uma outra vida). Durante a festa retratada no conto ele é admoestado pela Srta. Ivors por diversas vezes sobre a possibilidade de viajarem a Connaught, no oeste da ilha. A princípio demonstra-se bastante resistente, mas por fim acaba cogitando a realização da viagem. Sobre o trecho em que se afirma que “Chegara o tempo de ele iniciar sua jornada para o oeste”, afirma Ellmann:

Corre um clichê dizendo que as jornadas para oeste são para a morte, mas o oeste assumiu um significado especial na história. O oeste de Gretta Conroy é o lugar onde a vida foi vivida simples e apaixonadamente. O contexto, e fraseado da sentença, sugere que Gabriel está à beira do sono, e não muito conscientemente aceita aquilo de que até ali zombou, a possibilidade de uma verdadeira viagem a Connaught. O que a frase afirma, por fim, no nível do sentimento, é o oeste, o país primitivo, livre, impulsivo do qual Gabriel antes se sentira alienado; na história, o oeste é paradoxalmente ligado também com o passado e os mortos. (...)

O tom da frase “Chegara o tempo de ele iniciar sua jornada para o oeste” tem algo de resignado. Sugere uma concessão, uma desistência, e Gabriel concede e desiste bastante de seu senso da importância de pensamento civilizado, de gostos continentais, de todas as tépidas, mas simpáticas distinções das quais se orgulhara. A bolha de sua utopia foi furada; ele já não se possui, e não possuir-se é de certa forma um tipo de morte. (...) Em certa medida também Gabriel está morrendo por ela, desistindo do que mais valorizava em si mesmo, tudo o que o separa das pessoas mais simples da festa. Sente-se mais próximo de Gretta pela simpatia, senão pelo amor; agora ambos passaram a juventude, beleza, paixão; (...) ele não sente ressentimento, só piedade. No sacrifício de si mesmo ele têm consciência de uma melancólica unidade entre os vivos e os mortos. (...)

Gabriel, que tivera nojo de seu próprio país, vê-se inevitavelmente atraído para um silencioso tributo a ele, de muito mais coerência do que seu discurso para a festa. Teve ilusões do acerto quanto a um caminho de vida fora da Irlanda; mas por meio dessa experiência com sua esposa consegue uma espécie de ligação de aceitação, até de admiração para com uma parte do país e um tipo de vida muito irlandeses. No fim do Retrato do artista, também Stephen Dedalus, que se opôs tão resolutamente ao nacionalismo, faz uma concessão semelhante quando interpreta sua partida da Irlanda como tentativa de forjar uma consciência para sua raça. (ELLMANN, 1989, pp. 314-315)

Ellmann ainda compara a volta de Anna Livia até seu pai em *Finnegans Wake* com a viagem de Gabriel para o oeste, sentindo as raízes de sua terra natal: ambos estão tristes e melancólicos (ELLMANN, 1989, p. 319), e retornando para o início e o fim, a morte e a (nova) vida. Entretanto, isto seria um caminho necessário e inevitável da personagem, representando, portanto, a passagem que diversos irlandeses, incluindo Joyce, tiveram de fazer para (re)encontrar sua identidade.

4 “EVELINE”

Outra importante referência sobre o ocidente estaria em “Eveline”, outro conto de *Dublinenses* (JOYCE, 1993). No enredo, a personagem principal, que carrega o nome do conto, sonha em partir com aquele que almejava ser seu futuro esposo: um marinheiro chamado Frank. Eveline é uma mulher extremamente subjugada e vítima do papel social oprimido da mulher de sua época. Para livrar-se da violência do pai e do julgo da família e de seu meio de convivência, sonhava desvencilhar-se de tais laços - principalmente da promessa que havia feito a sua mãe em seu leito de morte de que cuidaria do lar -, e casar-se para que pudesse ser mais respeitada. Seus planos eram partir com Frank em um navio para Buenos Aires e, depois, tornar-se sua esposa.

Há vários estudos que afirmam que Buenos Aires seria apenas uma metáfora mas, talvez não por acaso, ficaria num distante e oculto além-mar a oeste. Há também quem faça comparação com o significado do nome Frank, que seria “free man”, ou seja, alguém que na história significaria a liberdade de Eveline (SYMBOLISM, s.d.).

No triste final, entretanto, o receio de Eveline em rumar para o oeste, para o desconhecido, que lhe fazia ser tomada pelo medo e o desespero, acaba vencendo e desembocando na decisão de permanecer com sua vida da forma como estava. Ela é consciente de que está claramente infeliz por ter assumido o papel de manter a casa unida e ordenada após a morte da mãe, além de diversos outros fatores que a tornam oprimida e, ainda assim, mantém-se obstinada a cumprir sua promessa até o fim. Observa-se, portanto, que sua opressão é tão arraigada que, mesmo tendo a oportunidade de se libertar, não consegue, e impõe a si mesma a condição de subjugação (CRITICAL, s.d.).

Neste ponto, pode-se estabelecer uma semelhança entre a história da personagem e a própria Irlanda, cuja nação em diversos momentos ao longo da história teve medo de

buscar no oeste uma alternativa (mesmo como reencontro ou resistência) e explorar novos caminhos a partir de sua própria essência e originalidade, ao invés de se deixar submeter perene e facilmente a forças externas (mormente as advindas sempre do leste).

5 “HADES” - ULYSSES

Ainda, outro ponto a ser abordado diz respeito à jornada das principais personagens de *Ulysses* (JOYCE, 2012b), que ocorre à sombra da viagem de volta do célebre personagem da cultura grega a quem alude o nome da obra. Elliot enaltece a importância desse método de paralelo à *Odisseia*, devido às suas significações e à nova união de um método mítico aos gêneros literários mais contemporâneos (apesar de que este romance joyciano poderia ser tratado também como épico) (ELLIOT, 2001).

Alguns dos importantes elementos tratados na obra de Joyce seriam aqueles ligados à morte no épico grego, nos momentos que remetem ao deslocamento de Ulisses em direção ao Hades. O capítulo homônimo do *Ulysses* descreve o deslocamento ocidental que realiza o cortejo fúnebre do falecido Paddy Dignam, amigo de Leopold Bloom.

No épico grego, tal passagem se inicia com a lembrança a Ulisses, por parte de seus companheiros, que talvez fosse tempo de se pensar em Ítaca. Ulisses, ao conversar com a feiticeira Circe sobre como conseguir retornar ao lar, é aconselhado e instruído (inclusive sobre os rituais de sacrifício que deveria fazer) a descer à mansão dos mortos e falar com Tirésias, o profeta tebano. Este então lhe contaria sobre todos os perigos e sofrimentos que ele iria enfrentar, bem como daria dicas sobre como voltar para casa (FERREIRA, s.d.).

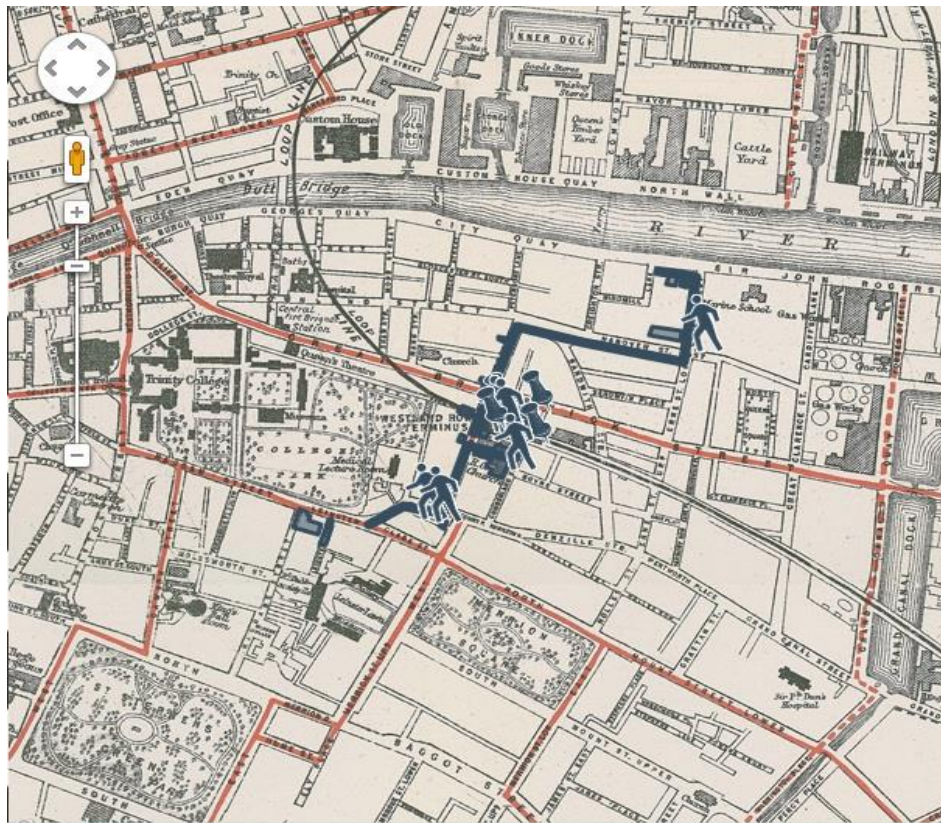
É possível estabelecer, nos elementos deste capítulo da obra joyciana (Hades), alguns pontos em comum com o seu trecho paralelo na *Odisseia*. Paddy Dignam morreu com problemas no coração como consequência do excesso de bebida e, na *Odisseia*, um dos companheiros do Ulisses, Elpenor⁸, morreu na casa de Circe caindo do telhado após ter bebido muito. Diversas histórias sobre afogamento, molhar, nadar ou cair na água, não só neste capítulo, mas em todo o romance de Joyce, fazem paralelo com os marinheiros de Ulisses que naufragaram ou morreram no mar (LEITUROSSEIA, 2012).

⁸ No mundo dos mortos Ulisses encontra Elpenor e, como ele ficara sem funeral porque haviam partido apressadamente, Ulisses prometeu-lhe resolver a situação assim que possível. E ele realmente retorna à casa de Circe em seguida para lhe prestar as honras fúnebres.

Quanto ao Hades da mitologia grega, não são acordes os autores antigos acerca da localização do mundo inferior: enquanto uns o situam abaixo da superfície terrestre, outros colocam-no ao oeste, em meio ao oceano.

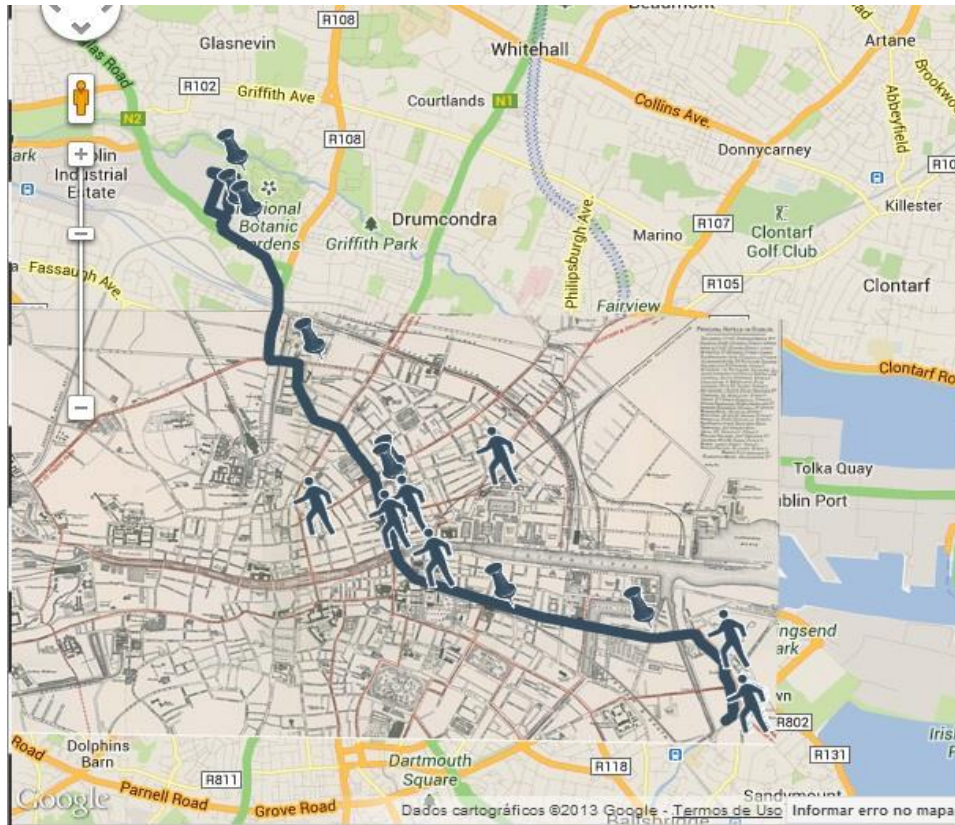
Já na obra de Joyce, observa-se, desde o capítulo anterior (“Lotus Eaters”), que Leopold Bloom sai de casa para o funeral, passando pela casa de banho, fazendo um caminho pela cidade de Dublin em direção ao oeste, até o cemitério – trajeto que é continuado no capítulo “Hades”:

Mapa 1 – Deslocamento no Capítulo Lotus Eaters



Fonte: Walking Ulysses, s.d.

Mapa 2 – Deslocamento no Capítulo Hades



Fonte: Walking Ulysses, s.d.

Bloom se junta ao cortejo fúnebre ao entrar na carruagem juntamente com Martin Cunningham, Mr. Powers e Simon Dedalus. Durante o caminho que percorrem e durante o próprio enterro são levados, pelas circunstâncias, a fazerem diversas reflexões sobre a morte e, mesmo quando tentam mudar de assunto para descontrair, o tema sempre retorna, ainda que de forma cotidiana ou até mesmo cômica. Embora Cunningham os admoestem a serem um pouco mais sérios em determinado momento, Dedalus afirma que o recém falecido Dignam não acharia ruim que eles rissem.

Assim, exemplos de momentos em que compartilham a morte como assunto são: quando comentam da experiência de quase morte do filho de Reuben, que se atirara no rio Liffey enquanto se encaminhavam para a Ilha de Man; quando comentam a morte do próprio Dignam, por colapso no coração, e o modo como levava a vida com a bebida; quando refletem que esta teria sido a melhor forma de morrer, repentinamente e sem sofrimento, enquanto Power assevera que o pior modo de morrer é o suicídio (para a tristeza de Leopold, cujo pai suicidou); quando vislumbram e comentam sobre um outro cortejo fúnebre passando por eles todo em branco (de uma criança); quando a carruagem é parada por um rebanho de gado e, lembrando que o dia seguinte seria de abate, comentam propostas de se criarem linhas de trens e vagões exclusivos para tais futuras

“carnes mortas” comercializadas, bem como para cortejos fúnebres, que levassem direto até o cemitério; quando lembram dos dissabores que se podem ocorrer com um cortejo fúnebre indo pela rua, como em um caso em que um caixão virou e o corpo saiu na esquina da Dunphy's; quando passam de fato na esquina da Dunphy's e vêem vários carros fúnebres encostados; quando se nota um rabeção já voltando do cemitério, parecendo aliviado; quando passam por jardins e casas sombrias, comentando sobre o local em que um homem chamado Childs havia sido assassinado; quando Dedalus comenta com Jack que o túmulo de sua esposa era perto de onde estavam e que logo estaria com ela (e o zelador, mais adiante, lhe diz que não o quer como um frequentador); quando o zelador do cemitério lhes conta a anedota de dois bêbados que procuraram o túmulo de seu amigo Mulcahy e, ao avistarem na tumba a estátua de Jesus que sua esposa havia encomendado, comentaram que ela não se parecia nem um pouco com Mulcahy; quando comentam sobre o túmulo de Parnell⁹ que lá se encontrava, e sobre a lenda de que estaria na verdade vazio, visto que ele voltaria um dia para dar sequência a seu ideal de libertação da Irlanda.

Por outro lado, Bloom também é levado a todo o momento a refletir internamente sobre a morte e, por alguns momentos, é levado a lugares bem distantes em seu pensamento devido à fertilidade de sua imaginação, como: quando Bloom, por mais de uma vez, lembra de seu filho morto, Rudy; quando ele observa a esposa de Smith O'Brien colocar um buquê de flores e especula que seja seu aniversário de morte; quando passam por uma rua com uns negócios “chatos”, a que ele caracteriza como “lado morto da rua”, que também lhe faz lembrar de uma casa de repouso apadrinhada por um padre falecido; quando vê o cortejo fúnebre de branco e reflete acerca dos mais diversos tipos de funeral existentes em vários costumes; quando pensa que um cônjuge deve morrer antes do outro sempre; quando pensa na quantidade de gás maléfico liberado nos meios em que estão os cadáveres; quando reflete sobre as práticas funerárias impiedosas para com os suicidas; quando relembra a morte de seu pai e as circunstâncias nas quais o encontrou; quando lembra de um asilo para moribundos da Eccles Street; quando imagina o caixão de Dignam caído na rua, e seu corpo saindo de boca aberta, perguntando-se se ele sangraria se se cortasse em um prego; quando reflete que é melhor fechar com cera todos os orifícios dos mortos; quando pensa em como seria se as pessoas fossem

⁹ Charles Parnell foi um líder político nacionalista que atuou contra a dominação inglesa (mormente contra a exploração agrária) e liderou diversas estratégias políticas para devolver o governo autônomo para a Irlanda. Como morrera repentinamente por problemas de saúde, surgiu a lenda entre os patriotas simpatizantes a ele de que na verdade ainda estaria vivo, escondido em algum lugar, e um dia retornaria para libertar a Irlanda.

enterradas em pé e na quantidade de matéria fertilizante que seus corpos proporcionam; quando relembra de um boato de que se as pessoas lessem seu próprio óbito viveriam mais, uma vez que isso lhes daria um outro incentivo; quando imagina que O'Connell está olhando os presentes no enterro e pensando em quem seria o próximo a morrer; quando avista um pássaro e lembra de um passarinho morto que sua filha havia enterrado.

A respeito do insistente retorno ao falecido filho Rudy, não só neste capítulo, como também ao longo de toda a obra, Chayes tece o seguinte comentário:

(...) a ânsia de juventude que Molly Bloom exalta pertence tanto ao passado quanto o filho morto que o próprio Bloom procura durante o dia, e as lembranças de Molly – Anna Livia também as tem – servem para enfocar, ou “revelar” o que transcorreu antes, praticamente da mesma maneira que a estória de Gretta Conroy em “The Dead”. (CHAYES, 1993, pp. 124-125)

Com isso, pode-se perceber com os mais diversos exemplos, como toda a temática do capítulo realmente gira ao redor da morte e das memórias passadas, manifestando-se nas mais diversas formas e contrapondo-se à vida dos que continuavam neste mundo (até mesmo como forma de contar sua história). Assim, permanece em mais um ponto da obra joyciana a ligação entre elementos ocultos, o passado, a morte e o oeste.

6 CONCLUSÃO

Com isso, foi possível observar que, ainda que de forma diversificada dentro da obra joyciana, o fato de atrelar significados ocultos, nebulosos, antigos, mórbidos ou amedrontadores ligados ao oeste são recorrentes e expressivos, amplamente embasados pela temática da cultura irlandesa e a própria relação de James Joyce com ela. Podemos visualizar que várias situações vividas pelas personagens nestes contextos sempre relacionam-se a dúvidas, angústias e reflexões, e às dualidades entre a vida ou renovação e a morte, entre condições presentes e situações passadas, entre negação da identidade irlandesa (ou mesmo da identidade própria) e a busca por renová-la. Essas dualidades, entretanto, não representam oposições, pois muitas vezes se confundem, assim como a ideia de morte no misticismo irlandês é extremamente vivaz, a cessão da cultura irlandesa é sempre acompanhada de constante renovação, e a negação de Joyce (e alguns de seus personagens) de suas origens inevitavelmente os leva à redescoberta e afirmação.

Assim, todas essas relações trariam conflitos e mistérios às personagens dos quais não se poderia fugir, apenas lidar e tentar se reestabelecer dentro das diversas

significações de cada um desses elementos mergulhados no universo da cultura irlandesa. O passado e o presente, os vivos e os mortos continuam infinitamente se comunicando e relacionando, tendo o oeste como ponte e origem.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Jacques. Notas biográficas. Tradução de Olga M. C. Souza. **Letra Freudiana: Retratura de Joyce: uma perspectiva lacaniana**, ano XII, n. 13, pp.27-39, 1993.

CHAYES, Hendry. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. **Letra Freudiana: Retratura de Joyce: uma perspectiva lacaniana**, ano XII, n. 13, pp.120-128, 1993.

CRITICAL Analysis on James Joyce's Eveline. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<http://voices.yahoo.com/critical-analysis-james-joyces-eveline-33513.html>>. Acesso em: 27/06/2013

ELLIOT, T.S. Ulisses, Ordem e Mito. Tradução de Claudia de Moraes Rego. **Escola Letra Freudiana: A Jornada de Ulisses: palestras de Jacques Aubert no Brasil e outros trabalhos**, Rio de Janeiro, n. 28, pp. 59-64, 2001.

ELLMANN, Richard. “Os fundamentos de ‘Os mortos’” In ELLMANN, Richard. **James Joyce**. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Globo, 1989.

ELLMANN, Richard. O desenvolvimento da imaginação. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. **Letra Freudiana: Retratura de Joyce: uma perspectiva lacaniana**, ano XII, n. 13, pp.70-77, 1993.

FERREIRA, Odsson. **Ulisses**. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mitologia-grega/ulisses.php>>. Acesso em: 27/06/2013.

JOYCE, James. **Dublinenses**. Tradução de José Roberto O’Shea. São Paulo: Siciliano, 1993.

JOYCE, James. “Irlanda, ilha de santos e sábios” In MEDEIROS, Sérgio; AMARANTE, Dirce Waltrick do. (Org.) **De Santos e Sábios: escritos estéticos e políticos**. Tradução de André Cechinel, Caetano Galindo, Dirce Waltrick do Amarante e Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2012a.

JOYCE, James. **Ulysses**. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012b.

JOYCE, James. **Um retrato do artista quando jovem**. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. São Paulo: Siciliano, 1992.

LEITUROSSEIA do Ulysses – Hades. [S.l.], 2012. Disponível em: <http://lugarcerto.blogspot.com.br/2012/06/leiturosseia-do-ulysses-hades.html>. Acesso em: 27/06/2013

SQUIRE, Charles. **Mitos e Lendas Celtas**: Rei Artur, deuses britânicos, deuses gaélicos e toda a tradição dos druidas. Tradução de Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2003.

SYMBOLISM on James Joyce's Eveline. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<http://voices.yahoo.com/symbolism-james-joyces-eveline-1478697.html?cat=38>>. Acesso em: 27/06/2013

WALKING Ulysses. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<http://ulysses.bc.edu/>>. Acesso em: 27/06/2013